



O conceito da glória de Deus como base de missões

*A glória de Deus mobiliza-nos para o próximo
que necessita de seu brilho e calor,
e da vida transbordante que produz*

Antonia Leonora van der Meer

Este artigo não reflete, necessariamente, a posição do Centro de Reflexão Missiológica Martureo. Representa uma parte do pensamento evangélico brasileiro e/ou mundial em relação a diferentes aspectos da Missão e publicamos aqui com o intuito de contribuir para a nossa reflexão como movimento missionário.

1. Introdução

A glória de Deus ocupa um lugar chave na Bíblia, desde o Gênesis até o Apocalipse. Essa glória se revela nas ações de Deus, na sua criação e manutenção do universo criado, mas especialmente nos seus atos salvadores e na sua autorrevelação expressa através dos profetas, e mais perfeitamente através de Jesus Cristo.

O pecado afastou o homem da glória de Deus, e a sua mente obscurecida já não a reconhece claramente, nem mesmo nas suas obras criadas. O homem, criado para usufruir a vida abundante e a comunhão íntima com Deus, conhece agora as trevas, a morte, o temor, a carência da glória de Deus. E, em vez de atribuir a Deus a glória que lhe é devida, prefere glorificar a própria criatura, seja a si, ou a outros seres ou objetos criados.

Veremos então que a glória de Deus é um conceito profundamente missionário. Por meio da obra missionária, Deus está restaurando a humanidade para que novamente viva em harmonia com o objetivo para o qual foi criada.

2. O significado dos termos

A base do conceito de *kâbhôd* no Antigo Testamento é o de glória ou honra. Esse termo foi traduzido como *doxa* na LXX¹. Significa a manifestação luminosa da presença de Deus, sua autorrevelação gloriosa.² A noção de glória no Antigo Testamento é de peso, ou substância visível.³ Nesse sentido, implica-se uma realidade substancial em contraste com os ídolos descritos como coisas vãs. No grego, a palavra *doxa* na literatura clássica tinha um significado subjetivo – “o que eu penso sobre um assunto, ou o que pensam sobre mim” – e um objetivo – “fama, honra”. Quando foi usado para

traduzir *kâbhôd*, que significava “honra, status, eminência, importância”, passou a ter um conceito unicamente objetivo de “glória, esplendor, majestade, grandeza”.⁴ Percebemos assim que se procuram os termos que designam um máximo de grandeza, honra e dignidade, os que se separaram mais e mais do uso comum, para consagrarem-se à descrição de glória de Deus, conceito sempre superior à possibilidade da definição humana.

3. A glória como revelação de Deus

3.1. A revelação do caráter de Deus

No Antigo Testamento, a expressão “a glória e o poder de Deus” (Sl 24.7-10; 29.3) é usada especialmente para a manifestação de uma pessoa, enfatizando a impressão causada sobre outros.⁵ Os céus proclamam a glória de Deus (Sl 19.1). A soberana majestade de Deus está sempre presente na mensagem de Isaías, como em Isaías 40.25⁶: “A quem, pois, me comparareis...?”⁷ Significa a revelação dos atributos e do ser de *Yahweh*.⁸

3.2. A revelação da presença de Deus

A coluna de nuvem e de fogo manifestava especialmente a glória e o poder divinos⁹ presentes com o seu povo (Ex 16.10; 40.35; 13.21; 14.9). Era a expressão da presença de Deus no santuário de maneira especial (Ex 40.34-35; 1Rs 8.10-11).¹⁰ Acompanhava sua presença no Monte Sinai (Ex 24.16), especialmente no lugar de adoração.¹¹ O fato mais importante da experiência da nova nação de Israel é que Deus veio habitar no meio dela (Ex 29.43-46). Uma

¹ Septuaginta (LXX) é a tradução do Antigo Testamento do hebraico para o grego entre os séculos III e I a.C. (N. do E.)

² Brown, Colin, ed. *New international Dictionary of New Testament Times* (Grand Rapids, Paternoster Press & Zondervan, 1986) 44.

³ Dyrness, William. *Themes in Old Testament Theology* (Madison, InterVarsity Press, 1979) 42.

⁴ Boer, Harry R. *Pentecost and Missions* (Grand Rapids, Eerdmans, 1979) 189-190.

⁵ Brown, *op. cit.*, p. 44.

⁶ As citações bíblicas foram extraídas da versão Almeida Revista e Atualizada, salvo quando especificado. (N. do E.)

⁷ Kaiser, Walter C. *Teologia do Antigo Testamento* (São Paulo, Vida Nova, vol. 2, 1966) 213.

⁸ Boer, *op. cit.*, p. 191.

⁹ Shedd, Russel P., ed. *Novo Dicionário da Bíblia* (2ª ed., São Paulo, Edições Vida Nova, 1984) 672.

¹⁰ Brown, *op. cit.*, p. 45.

¹¹ Dyrness, *op. cit.*, p. 42.

promessa repetida frequentemente é: “Habitaréi no meio deles. Serei o seu Deus. Serão o meu povo”. Havia um novo sentimento em relação à proximidade e à presença ativa de Deus. Em Êxodo 33, Moisés pediu a Deus que lhe mostrasse sua glória (v.18) para ter certeza de que sua presença iria de fato com eles (v.14-15). A realidade da presença de Deus foi verificada por Moisés quando via os efeitos posteriores do brilho da presença de Deus (v.21-23).¹²

Sendo a glória a revelação do caráter de Deus e sua impressão causada sobre os homens, vemos que está diretamente ligada com o objetivo de missões: revelar claramente esse Deus que os povos buscam, tateando (At 17.27), mas nunca conhecerão plenamente uma vez que o pecado obscureceu os seus olhos, a não ser que esse brilho os ilumine. A revelação da presença de Deus, acessível ao homem, para viver em comunhão com o homem, para protegê-lo e guiá-lo – tudo isso está ainda mais diretamente vinculado com o objetivo de missões.

3.3. A revelação mais plena em Jesus Cristo

Em Mateus e Marcos, a glória é vista como propriedade de Jesus como ser celestial, e relacionada com o aparecimento escatológico no juízo final (Mt 19.28; 24.30; 25.31; Mc 8.38). Em Lucas, manifesta-se também por ocasião do seu nascimento (Lc 2.9) e na transfiguração (Lc 9.28-32). Também nas epístolas de Paulo e Pedro, indica-se o caráter celestial da sua glória: seus são a glória e o domínio para sempre (1Pe 4.11); foi recebido na glória (1Tm 3.16); é o Senhor da glória (1 Co 2.8), Deus o ressuscitou dos mortos e deu-lhe glória (1Pe 1.21); ele voltará em glória (Tt 2.13; 1Pe 4.13). João também atribui glória à sua vida terrena (Jo 1.14; 2.11). A doença de Lázaro glorificou a Deus e ao Filho de Deus. O objetivo de João é mostrar e testemunhar que Jesus é o Filho de Deus. A glória manifesta no Jesus humano é de qualquer

forma uma glória celestial.¹³ Principalmente em Hebreus 1.1-3, fica claro que em Jesus a glória de Deus se manifesta mais plena e definitivamente aos homens. Jesus é considerado o resplendor da glória de Deus, seu máximo brilho e beleza (ver Cl 2.9).

Se no Antigo Testamento a glória de Deus se manifestava para revelar seu caráter, seu amor e sua presença aos homens, muito mais esses objetivos se cumprem em Jesus Cristo. E é nele que agora a glória de Deus está ao alcance de todos os povos, visto que nele o véu que nos separava da presença de Deus já foi removido (Hb 10.19-22). Após sua morte, a salvação é oferecida sem distinção a todos os povos (Ef 2.11-22).

4. A revelação na história da salvação

A glória de Deus expressa-se especialmente na história da salvação, nos grandes atos de Deus (Ex 14.17ss; Sl 96.3). Também em João a glória significa a revelação de Deus, ou a sua intervenção na história.¹⁴ Na história do Antigo Testamento, a glória de Deus se manifesta por meio de sua atividade a favor de seu povo.¹⁵

A glória de Deus se manifesta em Cristo e em sua obra salvadora (Mt 17.2-5; Jo 1.14; 2.11; 2Co 4.4). A presença dessa glória de Deus em Cristo significa a presença da salvação (2Co 4.4,6).¹⁶ Os hinos do Apocalipse também confirmam essa manifestação da glória na obra de Jesus, que resulta em um imenso coro de glória a Deus e ao Cordeiro (Ap 5.9-13; 7.10, 12.10-11).

O apóstolo João é quem mais enfatiza a manifestação da glória de Deus na obra salvadora de Jesus (Jo 1.14; 12.23-28; 17.3-5), mostrando como foi justamente por meio da sua humilhação – cheia de dignidade e de amor verdadeiro, com o grande objetivo de completar a obra da

¹² Kaiser, *op. cit.*, p. 125.

¹³ Boer, *op. cit.*, p. 193-194.

¹⁴ Brown, *op. cit.*, p. 193-194.

¹⁵ Guthrie, Donald. *New Testament Theology* (Leicester, IVP, 1981) 90.

¹⁶ Brown, *op. cit.*, p. 48.

salvação – que Jesus manifesta de maneira única a glória de Deus.

Assim, há sempre uma ligação direta entre a glória de Deus e a sua graça, manifesta em atos salvadores, a favor do homem que nada merece senão o seu juízo. E é por isso que essa glória se relaciona diretamente com a obra de missões, que visa embarcar todos os povos nos efeitos salvadores dessa maravilhosa e gloriosa obra de Deus.

5. O homem criado para participar da glória de Deus e para celebrá-la

5.1. O homem criado para glorificar a Deus

O principal dever do homem é o de glorificar a Deus em adoração, palavra e ato (1Co 6.20; 10.31).¹⁷ Glorificar a Deus é dever do homem, que o realiza por meio das boas obras (Mt 5.26), na produção de frutos (Jo 15.8), quando confessa a Cristo (Fp 2.11) e quando sofre por Cristo (1Pe 4.14,16). Os ímpios têm aversão a isso (Rm 1.21; 3.23), e, por isso, merecem o castigo de Deus (At 12.23; Dn 5.23,30).¹⁸ Em Ezequiel, vemos como a glória de Deus retirou-se do templo pelas abominações praticadas ali em vez de cumprirem seu dever de glorificar a Deus (Ez 10.18).¹⁹ Em Isaías, o povo provoca a desonra da glória de Deus (3.8; 59.19).

O ser humano é convocado a glorificar a Deus. Os pastores o fizeram por ocasião do nascimento de Jesus (Lc 2.20). Por causa do pecado, o ser humano não consegue refletir a glória de Deus como deveria fazer. Por meio da justificação, mais uma vez pode compartilhar da glória de Deus (Rm 5.2). Há uma interação entre a glória de Deus e a glória compartilhada com os cristãos (2Co 3.18). Tudo o que o homem faz deve fazê-lo para a glória de Deus (Rm 15.7; 2Co 4.15; Fp 1.11; 2.11, 1Pe 2.12). A destruição eterna é a exclusão da presença e

da glória do seu poder (2Ts 1.9). Obscurecer a glória de Deus é o pior acontecimento da experiência humana. No Novo Testamento, há suficiente ar de mistério para lembrar o homem de sua compreensão limitada de Deus, mas também se mostram meios pelos quais alguns aspectos desse mistério tornam-se perceptíveis. Pela revelação do Espírito, o homem recebe suficiente compreensão dos propósitos salvadores de Deus e um conhecimento verdadeiro, mas limitado, da realidade divina.²⁰

Aqui vemos como toda a Bíblia enfatiza que o homem só cumpre o verdadeiro propósito de sua criação quando glorifica a Deus, e que só é verdadeiramente realizado e feliz quando compartilha dessa glória. Infelizmente o pecado afastou o homem dessa vida plena, cheia de alegria e brilho, e a perversão do pecado mostra-se no fato de o homem sentir aversão a esse seu dever, e não perceber essa carência. É por isso que a glória de Deus, que é também a luz que penetra as trevas, deve ser transmitida pela palavra da pregação do evangelho (2Co 4.3-6): para trazer o homem de volta ao seu direito perdido de compartilhar de tal glória, e de atribuí-la a Deus. Se não obedecermos ao chamado missionário, continuarão nas trevas e na frustração; se obedecermos, a glória os alcançará, e o nome de Deus será glorificado por eles.

5.2. Os crentes compartilham da glória de Deus

Os crentes compartilham dessa glória hoje (Jo 17.22; 2Co 3.18) e o farão na eternidade (Rm 8.17; 2Co 4.17; 1Pe 3.21). A esperança cristã é a esperança da glória (Cl 1.27; Ef 1.18).²¹ Em João 17.22, Jesus fala dessa glória como recebida e transmitida para os seus. Que tipo de glória é essa que produz uma unidade por meio da qual os homens são levados a reconhecer que Cristo é o enviado do Pai? É um conceito bastante escatológico. É o poder do

¹⁷ Brown, *op. cit.*, p. 47.

¹⁸ Shedd, *op. cit.*, p. 672.

¹⁹ Kaiser, *op. cit.*, p. 246.

²⁰ Boer, *op. cit.*, p. 191.

²¹ Guthrie, *op. cit.*, p. 90-93.

Espírito operando nos apóstolos; são os dons espirituais manifestos no corpo de Cristo; é o poder do amor e do auto-sacrifício liberados pela pregação do evangelho. A glória do ministério do evangelho está especialmente nas operações do Espírito. Uma glória que transforma o crente de acordo com a imagem de Cristo de uma glória que já existe a uma glória que será revelada, efetuada pelo Espírito Santo (2Co 3.18).²² Há uma relação especial entre o crente que sofre por causa do nome de Cristo e a glória. Sobre ele repousa o Espírito da glória e do Senhor (1Pe 4.14; 2Co 4.17). O sofrimento no presente fica insignificante quando comparado com a glória prometida.

Para entender essa glória, devemos nos lembrar do exemplo de Jesus, que – na sua atitude constantemente digna, perdoadora, justa e amorosa em todo o sofrimento, rejeição e desprezo – manifestou a glória de Deus. A glória que os crentes compartilham é essa glória, e não a fama e o brilho do mundo. Mas é quando os crentes entregam sua vida por amor de Jesus e do evangelho que descobrem, recebem e experimentam a verdadeira vida plena (Mc 8.34-35). Essa dimensão da vida nenhum homem pode descobrir ou alcançar por sua própria inteligência e esforço (1Co 1.18-29); é por isso que precisamos pregar o evangelho.

6. Missão e a glória de Deus

6.1. A dimensão escatológica da glória de Deus

No Novo Testamento, a glória de Deus significa a realidade divina escatológica da existência. A salvação está em que o homem e a natureza tenham parte nessa forma de existir com o objetivo de transformar o homem e o mundo criado (Mt 24.30; Fp 3.20-21; Cl 3.4; Rm 8.20-23). Também no Antigo Testamento, esperava-se para os últimos dias uma mani-

festação plena da glória de Deus (Is 60.1-2).²³ Essa glória será universal (Sl 86.9; Ap 5.13).²⁴ No glorioso fim dos tempos, Israel será colocada em posição privilegiada como centro das nações para que recebam instruções do Senhor (Is 2.2-4). O Senhor da glória descera triunfalmente no Dia Final para completar o seu plano de salvação e para triunfar definitivamente (Dn 7.13; Zc 14.4-5). O mensageiro que preparará o caminho do Senhor será o próprio Messias (Ml 3.1-2).²⁵

Em Mateus e Marcos, a glória de Cristo está relacionada com a sua vinda escatológica no juízo final (Mt 19.24; 24.30; 25.31; Mc 13.26). Relaciona-se também com a glória do Pai, na qual virá para julgar (Mt 16.27; Mc 8.38). Lucas fala também da glória escatológica da Segunda Vinda (9.26; 21.27). João fala da glória que Jesus tinha antes da fundação do mundo (Jo 17.5) e que manifestou ao mundo. E fala de uma glória que ainda estava por receber (7.39; 12.33; 17.5), que já considerava como sua e como pertencente à igreja (17.22). Essa glória que Cristo recebeu do Pai, que efetua a unidade da igreja e por meio da qual as pessoas são levadas a reconhecê-lo como aquele que o Pai enviou é um conceito altamente escatológico (17.22).

Paulo fala de uma conexão íntima entre a glória, o Espírito, a ressurreição de Cristo e a ressurreição dos crentes. A glória do estado ressurto é colocada no mesmo nível que o Espírito e o poder (1Co 15.41s; Rm 8.11; 1.4). João também relaciona a glória, o Espírito e a ressurreição de Cristo (Jo 7.38-39); na ressurreição, o Espírito foi dado a Jesus, e ele o deu à igreja como rios de água viva.²⁶

Vemos assim que a glória se relaciona à restauração de todas as coisas pela obra consumada por Cristo e aplicada na vida do ser humano

²³ Boer, *op. cit.*, p. 194-198.

²⁴ Brown, *op. cit.*, p. 45-74.

²⁵ Shedd, *op. cit.*, p. 672.

²⁶ Kaiser, *op. cit.*, p. 214, 264.

²² Brown, *op. cit.*, p. 46-47.

por meio do Espírito Santo. Assim, mais uma vez, nota-se que missão é o meio pelo qual essa glória se estende a todos os povos, que assim participarão daquela glória e renderão a Deus a glória que lhe é devida. Ou seja, missão é o meio da graça; os que recusarem serão obrigados a glorificar a Deus por meio do juízo final.

6.2. A glória de Deus como grande objetivo missionário

A glória de Deus é o objeto da esperança religiosa, o conteúdo da revelação universal vindoura. Isaías é o profeta da glória que virá. Tal glória está no contexto da disseminação universal da graça de Deus. Para Isaías, a salvação futura das nações e a honra de Israel são aspectos indispensáveis da glória de Deus. O Filho do Homem glorificado (Dn 12.23) transmite a vida no Espírito a todas as nações. Está a raiar o dia em que o Espírito será enviado para colher a igreja universal através dos embaixadores proclamadores do evangelho. Em 2 Coríntios 3, Paulo fala do ministério da Antiga e da Nova Aliança, contrastando com sua glória. Paulo mostra a superioridade do Novo Testamento em relação ao Velho Testamento, e a conexão íntima entre a glória, o Espírito e a igreja proclamadora. A glória de Deus era uma revelação do ser divino, e isso se aplica de maneira mais ampla ao ministério do Espírito. Em que consiste essa glória? Não numa luz radiante e visível, mas na glória imaterial do evangelho. A ousadia da proclamação dos embaixadores de Cristo em contraste com a glória que Moisés escondia dos filhos de Israel (2Co 3.12-13). É a manifestação da verdade, a luz do evangelho da glória de Cristo brilhando sobre todos os homens (4.1-6). A glória de Cristo é manifesta através da vida do Espírito no corpo de Cristo, a igreja, e é resultado do seu testemunho do Senhor crucificado e ressurreto. A unidade da igreja não consiste na habitação passiva do Espírito, mas na proclamação do evangelho e na vida cristã que flui da aceitação dessa verda-

de. A unidade e a vida da igreja testemunham a glória de Cristo.

Em João 17.2, a glória tem o propósito de transmitir a vida eterna aos homens. Jesus menciona seu desejo de transmitir a vida eterna em conexão com sua glória e sua autoridade; é um paralelo com a grande comissão dado com base na autoridade a ele concedida. Em João 17.2, Jesus glorifica o Pai ao dar a vida eterna a todos os homens que Deus lhe deu por meio da sua autoridade e glória. Segundo Mateus 28.18-20, os discípulos haveriam de proclamar o evangelho a todas as nações por meio da autoridade concedida a Jesus. A verdadeira unidade da igreja é baseada na e resultante da glória de Cristo; e essa glória é o poder do Espírito Santo manifesto na vida e no testemunho da igreja. É um poder ativo, expresso, que surpreende o mundo. A unidade da igreja é um grande instrumento missionário.²⁷

Assim, a glória de Deus é manifesta na sua graça salvadora que alcança o ser humano perdido, sem limites geográficos, nem temporais, nem de mérito. A glória de Deus é expressa na vida nova da igreja (salva pela graça imerecida) e na proclamação do evangelho (que ilumina os que estão nas trevas – há uma conexão profunda entre a glória e a luz). A igreja, a nova humanidade redimida, também renderá a Deus a glória devida ao seu nome. O cristão agradecido pela graça imerecida que recebeu, movido pelo poder do Espírito Santo, preocupa-se com a glória de Deus que lhe está sendo negada pelos homens perdidos, e preocupa-se com os homens que perecem porque carecem da glória de Deus. A glória de Deus é a grande motivação missionária, que nos faz voltar para Deus, que merece a dedicação e obediência incondicional do homem salvo, mobilizando-nos para o próximo que necessita do brilho e do calor dessa glória, e da vida transbordante que ela produz. Sabendo ainda que o propósito de Deus é al-

²⁷ Boer, *op. cit.*, p. 192-196.

cançar toda tribo, língua, povo e nação, jamais poderemos nos contentar ou acomodar enquanto não chegarmos a essa proclamação ampla, profunda e clara a todos os seres humanos de todas as gerações.

Sobre a autora

Antonia Leonora van der Meer foi missionária em Angola e Moçambique de 1985 a 1995. Lançou, pela Editora Ultimato, os livros *Eu, um Missionário?*, *Missionários Feridos* e *O Estudo Bíblico Indutivo*, além de ser autora de outras obras e de vários artigos em publicações missiológicas. Mestre em Teologia e doutora em Missiologia (Asia Graduate School of Theology, Filipinas), também serviu por 17 anos no [CEM – Centro Evangélico de Missões](#) (Viçosa, MG) como professora, deã e diretora. Hoje, é uma dos líderes do Departamento de Cuidado Integral do Mis-

sionário (CIM Brasil) da AMTB – Associação de Missões Transculturais Brasileiras.

Bibliografia

- Boer, Harry R. *Pentecost and Missions* (Grand Rapids, Eerdmans, 1979) 189-190.
- Brown, Colin, ed. *New international Dictionary of New Testament Times* (Grand Rapids, Paternoster Press & Zondervan, 1986) 44.
- Dyrness, William. *Themes in Old Testament Theology*. (Madison, InterVarsity Press, 1979) 42.
- Guthrie, Donald. *New Testament Theology* (Leicester, IVP, 1981) 90.
- Kaiser, Walter C. *Teologia do Antigo Testamento* (São Paulo, Vida Nova, vol. 2, 1966) 213.
- Shedd, Russel P., ed. *Novo Dicionário da Bíblia* (2ª ed., São Paulo, Edições Vida Nova, 1984) 672.

